



AMÉRICA DO SUL

Brasil e Venezuela entram em choque

Chancelaria de Maduro classifica como "intervencionista" a postura do Itamaraty em relação ao processo eleitoral de Caracas. É a primeira vez que o governo Lula critica o país vizinho. Autoridades impedem registro de principal candidata da oposição

» RODRIGO CRAVEIRO

Federico Parra/AFP



Acompanhado da primeira-dama Cilia Flores, Maduro exhibe imagens de Simón Bolívar e de Hugo Chávez, ao visitar o Conselho Nacional Eleitoral

As relações entre Venezuela e Brasil sofreram o primeiro ruído durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, após o regime de Nicolás Maduro impedir o registro da candidatura da professora e filósofa Corina Yoris, escolhida para disputar as eleições de 28 de julho no lugar da ex-deputada María Corina Machado. Em nota divulgada na tarde de ontem, em português e em espanhol, o Ministério do Poder Popular para as Relações Exteriores da Venezuela afirmou que "repudia o comunicado cinzento e intervencionista redigido por funcionários da chancelaria brasileira, que parece ter sido ditado pelo Departamento de Estado dos EUA, no qual são emitidos comentários carregados de desconhecimento e ignorância sobre a realidade política na Venezuela".

O governo venezuelano assegurou que não emite, nem emitirá, juízos de valor sobre processos políticos e judiciais ocorridos no Brasil. "Consequentemente, tem a moral para exigir o mais estrito respeito pelo princípio da não ingerência nos assuntos internos e em nossa democracia, uma das mais robustas da região", assegura o texto de Caracas.

Além de chamar a atenção para o fato de que o Itamaraty "não esteja preocupado com as tentativas de magnicídio e de desestabilização" desmanteladas pela Venezuela, o texto agradece a solidariedade de Lula ao condenar "de forma direta e inequívoca o bloqueio criminoso e as sanções que o governo dos EUA impôs ilegalmente" à Venezuela.

Guinada

Em uma mudança inédita de postura do governo Lula, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil afirmou acompanhar "com expectativa e preocupação" o desenrolar do processo eleitoral na Venezuela. "Com base nas informações disponíveis, (o governo brasileiro) observa que a candidata indicada pela Plataforma Unitária, força política de oposição, e sobre a qual não pairavam decisões judiciais, foi impedida de registrar-se, o que não é compatível com os acordos de Barbados. O impedimento não foi, até o momento, objeto de qualquer explicação", diz o texto.

O Itamaraty destacou que 11 candidatos ligados a correntes de oposição conseguiram o

registro. "O Brasil reitera seu repúdio a quaisquer tipos de sanção que, além de ilegais, apenas contribuem para isolar a Venezuela e aumentar o sofrimento do seu povo." Até então, o governo Lula evitava condenar Maduro. Por sua vez, a Casa Branca admitiu estar "profundamente preocupada" com o impedimento do registro de Yoris. "É muito importante que o regime reconheça e respeite o direito de todos os candidatos se apresentarem", declarou a porta-voz Karine Jean-Pierre.

A oposição conseguiu registrar dois candidatos: Manuel Rosales,

governador do estado petrolífero de Zulia (oeste) e ex-adversário de Hugo Chávez; e o diplomata Edmundo González Urrutia, cujo nome foi inscrito provisoriamente pela Plataforma Unitária Democrática (PUD). A coalizão explicou que tomou a decisão "em vista da clara impossibilidade de inscrever até o momento a candidatura eleita", a fim de "preservar o exercício dos direitos políticos que correspondem" à sua organização.

Juan Guaidó, ex-presidente autoproclamado da Venezuela e líder da oposição, acusou Maduro não apenas de impedir a candidatura de Corina Yoris, mas

também de inabilitar María Corina, travar uma perseguição judicial contra a ex-deputada, deter assessores da política e apreender as cédulas eleitorais. "É todo um sistema que tem bloqueado e cerceado os direitos na Venezuela, que vive um momento de tensão, novamente por impossibilitar uma solução eleitoral", declarou ao *Correio*, por telefone.

De acordo com Guaidó, o regime de Maduro convocou as eleições para uma data preferencial para o Palácio de Miraflores e se beneficiou de um Conselho Nacional Eleitoral (CNE) feito "sob medida". "Ainda assim, eles têm

medo de medir forças com Corina Yoris, que foi a representante designada por todos os fatores da Mesa de Unidade Democrática, e com María Corina, eleita em 22 de outubro para representar os venezuelanos", lembrou.

Direitos

Guaidó disse esperar que a oposição siga na defesa de seus direitos. "Temos que exigir que se permita a inscrição da candidatura da oposição. Não deixaram que a Plataforma Unitária Democrática registrasse a candidata escolhida por eles, pela Venezuela e por nós", lamentou. Para o opositor, o propósito de Maduro é óbvio: ser parte de novo sistema totalitário. Ele explicou que a inscrição de Rosales foi unilateral. "Não representa os fatores da unidade (da oposição). Ele tem que dar respostas ao país por voltar as costas à Plataforma Unitária e a María Corina Machado."

"Farei o que tiver que fazer pela unidade", disse Rosales. "Se a plataforma pedir, acordar, decidir qualquer coisa, estou na plataforma, não me movo daí nem um milímetro." María Corina reforçou que não apoiará Rosales e repetiu que sua candidata é Corina Yoris. "O que alertávamos há muitos meses ocorreu: o regime escolheu seus candidatos", disse.

Eu acho...



"Embora a declaração do Brasil seja morna, a exigência feita pelo Acordo de Barbados de eleições livres e de que a oposição possa registrar o candidato decidido pelos venezuelanos parece ser um progresso."

Juan Guaidó, ex-presidente autoproclamado da Venezuela e um dos líderes da oposição, hoje exilado em Miami



"Vale a pena destacar que quem manifesta preocupação é um governo amigo do regime da Venezuela. Porque ninguém duvida da amizade entre Lula e o chavismo e o madurismo. No entanto, este governo (Brasil) priva o interesse de defender a democracia em vez de cegamente defender um amigo político."

Antonio Ledezma, coordenador do Conselho Político Internacional da campanha de María Corina

Coordenador do Conselho Político Internacional da campanha de María Corina, Antonio Ledezma saudou a mudança de postura do Brasil. "Uma maneira de protestar e de pressionar são os pronunciamentos das últimas horas, incluindo o de Lula, que externou sua preocupação e as expectativas do Brasil pela atitude arbitrária de Maduro de não permitir a inscrição da substituta de María Corina", disse à reportagem, por telefone. O ex-prefeito de Caracas e preso político exilado em Madrid considera que o tema da Venezuela tem recuperado espaço na agenda internacional. "As críticas do Brasil têm a ver com o fato de Maduro ignorar e descumprir os Acordos de Barbados."

Ponte desaba em Baltimore após ser atingida por navio

Jim Watson/AFP



Pelo menos seis pessoas estavam desaparecidas, ontem, depois que um navio cargueiro colidiu com um pilar da ponte Francis Scott Key, fazendo com que grande parte da estrutura desabasse e caísse no Rio Patapsco. O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, lamentou o "terrível acidente" e prometeu reconstruir a ponte o quanto antes, mas admitiu que isso "levará um tempo". Duas vítimas foram socorridas, uma em "estado muito grave" e outra ileso. Com a temperatura da água em 8 graus, o trabalho de resgate foi dificultado. Moradora de Brooklyn Park, em Maryland, Alice-Ann Devilbiss, uma funcionária escolar de 38 anos, mora a cerca de 5 minutos da ponte. "Por volta de 1h30 (2h30 em Brasília), minha casa tremeu. Meus cachorros começaram a latir e meus garotos correram como loucos. Então, escutei um barulho semelhante a algo sendo triturado e algo como uma bala de canhão caindo na água. Depois, ouvi sirenes e alarmes como nunca", contou ao *Correio*, por meio do Facebook. Ela disse que consultou um aplicativo, o qual afirmava que tudo estava bem, e resolveu dormir. "Quando acordei e vi a ponte, caí em choro. Senti terror e tristeza. O pensamento de que eu poderia estar lá. Meu coração está partido pelos familiares das vítimas." As autoridades descartam ato terrorista ou uma ação intencional. (RC)